

CONTOS DIVERTIDOS

BRANCA DE NEVE

segundo GRIMM



808.068
B816

BIBLIOTECA NACIONAL
Biblioteca de História

no 7
Data 10.1.56

Ilustrações de Françoise J. BERTIER

Livraria AGIR Editora

1954

BRANCA DE NEVE



HRA uma vez uma jovem rainha que desejava, de todo coração, uma filhinha que tivesse a pele branca como a neve, os lábios vermelhos como o sangue, e os cabelos negros como o ébano.

Seu desejo realizou-se, e deu à princesinha o nome de Branca de Neve. Porém a infeliz rainha morreu pouco



depois do nascimento da menina, e o rei ficou muito triste. Durante longos meses cercou Branca de Neve de cuidados, inventando uma porção de brinquedos para distraí-la. Não querendo deixá-la sem uma mãezinha, resolveu casar com uma outra moça muito bonita, mas orgulhosa e invejosa.

Tôdas as manhãs a nova rainha perguntava a seu espelho mágico quem era a mulher mais bela de todo o reino, e o espelho respondia sempre a mesma coisa:

— Majestade! Vós sois a mulher mais bela dêste país!

Um dia, porém, seu espelho mágico assim falou:





— Majestade! Vós sois muito bela, mas Branca de Neve é ainda mais.

A rainha ficou muito zangada, e começou desde êste dia a detestar Branca de Neve. Cheia de inveja, não tinha sossêgo nem de dia nem de noite; ordenou então, algum tempo depois, a um caçador, que levasse Branca de Neve à floresta, e lá a matasse e trouxesse o seu coração, como prova de sua morte.

O caçador teve pena da linda moçinha. Abandonou-a no meio da floresta, e trouxe para a cruel rainha o coração de um cabritinho.

Branca de Neve ficou perdida no meio daquela enorme floresta; andou, andou, até que por fim avistou uma





casinha. Entrou. Tudo ali brilhava de tão limpo, mas era tão pequenina... Mais parecia uma casa de boneca.

Na primeira sala havia uma mesinha coberta por uma toalhinha branca, onde se viam sete pratinhos, sete copinhos e sete talheres. No quarto havia sete caminhas.

Branca de Neve, encontrando a comida já pronta, provou um pouquinho de cada prato, e bebeu um tiquinho de cada copo. Depois, entrando no quarto, deitou-se numa das caminhas, onde, pouco depois, dormia profundamente.

Quando veio a noite, os moradores da casinha voltaram. Eram eles sete anõezinhos, e o primeiro perguntou:



— Quem sentou na minha cadeira?

— Quem comeu no meu prato?
disse o segundo.

— Quem provou do meu pão? fez
o terceiro.

— Quem roubou as minhas cenou-
ras? disse por sua vez o quarto anão-
zinho.

— Quem comeu com meu garfo?
perguntou o quinto.

— Quem cortou com a minha fa-
ca? indagou o sexto.

E o sétimo disse:

— Quem bebeu no meu copo?

De repente o menorzinho avistou
na sua cama Branca de Neve, que ali
dormia, linda como a aurora. Então



A malvada ofereceu-lhe umas fitas, e
quando amarrou uma em volta do
pescoço de Branca de Neve, esta fi-
cou sufocada e desmaiou.

Quando os anõezinhos voltaram
na hora do jantar, encontraram sua
querida amiguinha estendida no chão,
sem sentidos. Depois de arrancarem
a fita que lhe apertava o pescoço,
viram, com grande alegria, que ela
acordava do desmaio. Então Branca
de Neve lhes explicou o que havia
acontecido, e êles de novo lhe pedi-
ram que nunca deixasse entrar nin-
guém.

Chegando ao palácio, a rainha sou-
be pelo espelho que Branca de Neve
ainda era a mais bela. Então, um dia,





disfarçou-se em camponesa e foi outra vez à casa dos anõesinhos.

Branca de Neve apareceu à janela e lhe disse:

— Eu não deixo entrar ninguém aqui! Os anõesinhos me proibiram!

A falsa camponesa pegou, então, uma maçã lindíssima que estava na cestinha, dividiu-a em duas partes e ofereceu uma metade à Branca de Neve; esta aceitou quando viu a camponesa comer a outra metade. Mas assim que deu uma dentada na fruta, caiu no chão como morta.

Chegando ao palácio, a rainha consultou seu espelho mágico, que desta vez lhe respondeu:



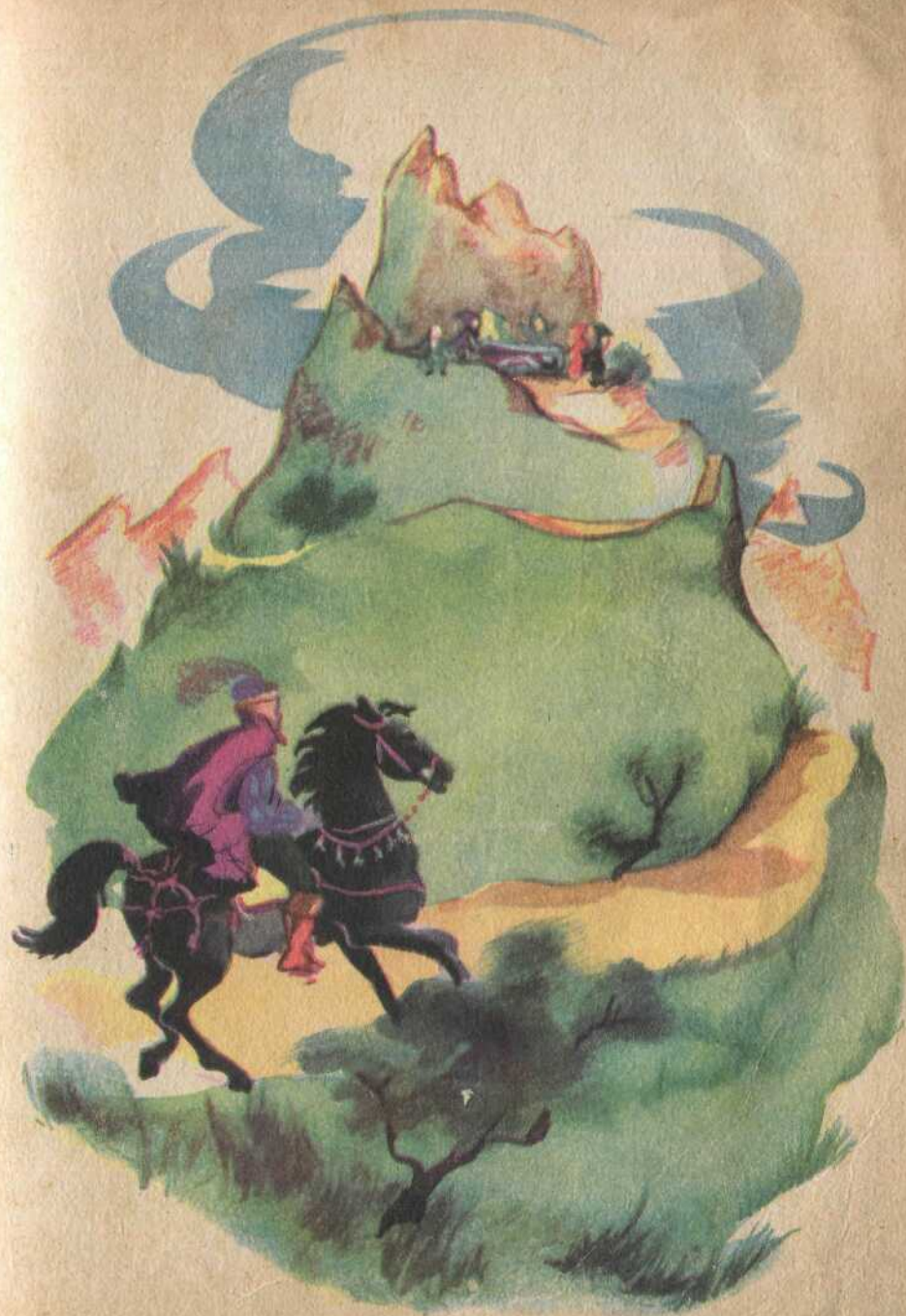


— Majestade! Vós sois a mais bela
dêste país!

Quando os anões voltaram para
casa, encontraram Branca de Neve
estendida no chão, muito fria, e vi-
ram com grande tristeza que ela es-
tava morta.

Então fizeram um caixão todo de
cristal e ali deitaram sua amiguinha;
depois levaram-na para o cimo da
montanha.

Um dia, aconteceu que por ali pas-
sou um príncipe, e viu a bela prin-
cesinha deitada em seu caixão de cris-
tal. Depois de contemplá-la muito
tempo em silêncio, pediu aos anões
licença para levá-la consigo, prome-



tendo honrá-la e amá-la como se fôsse sua espôsa bem-amada.

Comovidos, os bons anõezinhos permitiram que êle levasse o caixão. Os servos do príncipe colocaram-no então sôbre os seus ombros.

De repente, um dos que carregavam o corpo tropeçou numa pedra do caminho, e sacudiu o caixão com tanta violência, que o pedaço de maçã envenenado saltou da garganta de Branca de Neve. A princesinha então acordou, e, erguendo-se, viu o belo príncipe, que, muito emocionado, a pediu logo em casamento. Ela aceitou com alegria, beijou os anõezinhos, e partiu com seu noivo.



Pouco depois casavam-se, e a cerimonia foi celebrada com grandes festas e alegria.

Enquanto isso, a malvada rainha, não sabendo quem era a noiva, preparava-se para assistir ao casamento real, quando se lembrou de consultar o espelho, que lhe respondeu:

— Majestade, sois muito bela, mas Branca de Neve, a futura rainha, é muito mais bela!

Ouvindo estas palavras, a cruel rainha ficou furiosa, e jogou no chão o espelho mágico, quebrando-o em mil pedaços. Pouco tempo depois morria de raiva.

Branca de Neve teve vida longa e feliz junto a seu amado príncipe.



Bu gusto